

Rutura e soberania dependerám da rua

CARLOS MORAIS :: 31/08/2015

Ruptura y soberanía dependerán de la calle. Galiza

A profunda crise de legitimidade das forças políticas e sindicais identificadas plenamente com o modelo socioeconómico e a estrutura administrativa espanhola, é consequência da alteração da perceção da natureza do regime entre setores sociais que até há uns anos matinhavam um elevado grau de identificação ou simplesmente nom o questionavam.

A receita ultraliberal da austeridade, implementada primeiro polo PSOE e posteriormene polo PP, como “solução” à grave crise capitalista emanada da economia especulativa e parasita, agravada pola alarma social derivada da parcial difusom das dimensons da corrupção generalizada, está na origem do ciclo de mobilizaçoms populares do último quinquénio.

O inicial desconcerto e preocupação do regime perante o incremento parcial da radicalização de amplas camadas populares, mas também entre fraçoms intermédias *proletarizadas* polos letais efeitos dos *diktames* da troika, tem sido habilmente gerido mediante um conjunto de arriscadas operaçoms que até o presente tenhem atingido o primordial: evitar a desestabilização da segunda restauração bourbónica instaurada na segunda metade da década de setenta do passado século.

Economia de mercado ultraliberal, pseudodemocracia burguesa e férrea centralização administrativa tenhem sido os três eixos do sistema emanado da constituição espanhola de 1978, causantes do agravamento do atraso e marginalização da Galiza e portanto do empobrecimento e sobre-exploração do povo trabalhador galego.

As declaraçoms e promessas de reforma constitucional que intermitentemente lança a esquerda institucional espanhola e o social-liberalismo de Pedro Sánchez, nom som mais que cortinas de fumo que nunca se plasmarám ou nom passarám de maquilhagens. Estratégia eficaz para frear as esquerdas independentistas das naçoms oprimidas por Espanha.

Perpetuar quatro décadas mais a estabilidade política da democracia postfranquista é o principal objetivo que persegue o capitalismo espanhol e a Uniom Europeia para manter a fabulosa taxa de ganho da burguesia baseado na existência do quadro espanhol de acumulação e expansom de capital.

Com o intuito de quebrar ou polo menos atrasar a radicalização de segmentos populares e a consolidação de umha alternativa revolucionária com implantaçom de massas, até o momento tenhem sido fundamentalmente cinco as medidas adotadas para lográ-lo:

1- Facilitar mediante a sua promoçom mediática o desenvolvimento do denominado 15M em maio de 2011. Esta branda “primavera árabe” em forma de movimento social pacífico

envolveu a milhares de pessoas sob um programa regeneracionista que nem questionava os alicerces do bipartidarismo, dotado de um difuso e inconcreto programa nekeynesiano para melhorar o “sistema democrático”, sempre desde umha óptica refratária ao questionamento do paradigma centralista espanhol.

2- A cultura política emanada do 15M facilitou o desenvolvimento e fortalecimento das tendências individualistas, carregadas de enorme ingenuidade sobre as margens reais de poder mudar o sistema desde o interior empregando as suas regras; das cidadanistas que negam e/ou desprezam o papel das organizações da esquerda política e social (partidos revolucionários e reformistas “radicais”, e dos sindicatos de classe) dificultando a sua intervenção e confluência com e nos movimentos sociais; do eleitoralismo que inicialmente repudiavam boa parte dos agentes com peso no seu seio, muitos procedentes do esquerdismo libertário e/ou *trotsquista*; e um novo impulso das concepções postmodernistas instaladas no imediatismo e presentismo, contrárias à confluência e encadeamento das lutas setoriais, negadora da centralidade da luta de classes e das possibilidades de umha genuína ruptura democrática mediante a tomada do poder, nutrindo assim os fetiches do espontaneísmo, da infantil crença do “imenso poder” das redes sociais na internet para promover umha mudança social.

3- Após o ordenado desmantelamento do 15M iniciado ao final do verão de 2011, fruto da aplicação do silêncio mediático, da perda de perspectivas e vigor pela frustração de não ter atingido os objetivos perseguidos e pelos adversos resultados das eleições em 17 comunidades autónomas em maio, e posteriormente nas gerais de novembro, onde foi rivalizado o monopartidarismo bicéfalo com a maioria absoluta de Rajó, o movimento obreiro de forma efémera voltou a recuperar a iniciativa mediante a exitosa greve geral de março de 2012.

Mas não passou de umha miragem, pois o espírito “indignado” do 15M manteve-se mediante convocatórias esporádicas a escala estatal na forma de marchas, celebrações do aniversário e outras iniciativas de âmbito europeu.

Na Galiza a irrupção eleitoral da AGE -como coaligação entre a dócil IU, os setores falsamente ruturistas cindidos do BNG e o “independentismo” fascinado com as estratégias de Madrid-, certificava o “êxito” da renúncia ao princípio da auto-organização do povo galego.

Mas, perante a continuidade de esporádicos capítulos de radicalização popular foi necessário desenvolver outras estratégias para quebrar o ciclo ascendente de lutas. Deste jeito foi promovido de forma artificial e deliberada o descrédito do Rei Juan Carlos arejando os seus obscenos negócios multimilionários como intermediário, a corrupção que envolve a família real, as consequências hospitalares das suas cacerias de luxo, as relações adúlteras ... visando desviar a atenção sobre os demolidores efeitos da crise entre a juventude, as mulheres e a classe trabalhadora. Com a sua forçada abdicação no seu filho em junho de 2014, o regime do Ibex 35 logrou calmar e arrefecer as águas.

4- Endurecimento da legislação visando impossibilitar o desenvolvimento e radicalização das lutas populares. Nos últimos cinco anos o Estado espanhol realizou contínuas mudanças do Código Penal. Aprovou um conjunto de leis de exceção nas que a de

“Segurança Cidadã” ou lei mordocha é a mais recente. Tem multiplicado a capacidade repressiva das forças policiais com um claro objetivo: dotar-se da força suficiente para evitar qualquer conato de revolta ou levantamento popular e dissuadir o povo trabalhador das consequências de defender na rua os seus direitos e conquistas.

5- A criação em janeiro de 2014 de Podemos como nova força política que representava o espírito do 15M foi a mais arriscada operação do regime para lograr estabilizar e domesticar o malestar social. O partido fundado por um reduzido núcleo de professorado universitário madrileno, e apadrinhado pela seção espanhola do Secretariado Unificado da IV Internacional, para concorrer às eleições europeias de maio desse ano, logra um inesperado resultado atingindo mais de 1.200.000 votos no conjunto do Estado, superando os 84.000 na Galiza.

Este fulgurante e espetacular êxito conseguindo 5 eurodeputados está muito vinculado à intensa promoção da figura de Pablo Iglesias pelos mais importantes e influentes meios de comunicação privados espanhóis, propriedade dos principais grupos capitalistas.

Mas os prognósticos sobre as ilimitadas intenções eleitorais que situaram a Podemos como alternativa viável ao PP/PSOE no verão passado, tocaram teto quando o sistema que promoveu o seu fulgurante desenvolvimento chegou à conclusão que já tinha sido suficientemente funcional para adormecer, neutralizar, desativar e encarrilar o movimento de massas pela via eleitoral.

Porque Podemos foi concebido como um plano B provisório perante o intervalo aberto de consolidação de um novo liderato e recuperação eleitoral do PSOE, logo do descalabro da etapa de Rubalcaba.

Mas também como o melhor instrumento para a reatualização discursiva do nacionalismo espanhol visando frear o processo independentista catalão, seguir conduzindo o residualismo à esquerda patriótica galega após as mutações estatistas do *beirismo* e do *ferrinismo*, e dificultar manter o seu importante poder institucional à renova esquerda abertzale do País Basco resultante da sua capitulação e cumha clara orientação socialdemocrata e eurocomunista.

Mas também estalar a lenta, mas sólida recuperação eleitoral de IU.

Logicamente este tipo de operações políticas não estão exentas de contradições e contínuos reajustamentos, pois as dinâmicas sociais não podem ser controladas completamente pelos poderosos aparelhos de dominação da burguesia.

A dia de hoje todos os indicadores objetivos, mas também subjetivos, coincidem em que Podemos está em declive porque o regime achou uma alternativa mais fiável e com menos custos de desestabilização: Ciudadanos. O populista partido de moderno e sofisticado discurso neofalangista de matriz catalã está evitando que os setores conservadores desencantados pelas políticas antisociais do PP e antigos votantes da *gaivota* não se desloquem a Podemos e à abstenção. A sua lealdade aos interesses da oligarquia espanhola é inquestionável.

Mas também polos graves erros derivados da prepotência do todo poderoso secretário-geral de Podemos que converteu o que inicialmente foi apresentado como umha formação política alternativa aos “partidos da casta”, horizontal, assemblear e respeitosa com o pluralismo, numha convencional maquinária eleitoral hipercentralizada, onde se dificulta a discrepância pública, dotada de umha milimetrada linha discursiva populista, de orientação socialdemocrata e de reafirmação do projeto imperialista espanhol, que só procura a toda custa umha imediata vitória eleitoral. Em pouco mais de um ano e meio Podemos perdeu o encanto inicial que seduziu a muita gente para mostrar a sua verdadeira face: um PSOE 2.0.

Embora o fenómeno Podemos na Galiza está em declive pola arrogância dos seus líderes madrilenos nas suas relações com os que seguem sem confiar nas capacidades e potencialidades do nosso povo, e pola mediocridade e incapacidade política dos dirigentes da franquicia galega, ainda tem suficiente combustível para seguir cumprindo um papel destacado no tabuleiro político dificultando a recuperação da esquerda independentista e a necessária refundação da esquerda patriótica galega.

Os resultados das eleições plebiscitárias de setembro na Catalunha, a fórmula final que adote a sua candidatura na Galiza, o nível de recuperação do voto do PSOE e do PP nas eleições gerais do imediato outono, as consequências sociais do endurecimento das medidas de austeridade e empobrecimento das receitas socioeconómicas de Berlim e Bruxelas, a esperada recuperação da rua como espaço central de luta e acumulação de forças frente o agravamento da crise sistémica do capitalismo senil, som factores que condicionaram o futuro do partido de Pablo Iglesias.

A recente leiçom da traiçom do governo da Syriza ao povo grego volta a deixar claro a impossibilidade de transformar o sistema pola via eleitoral burguesa, o papel colaboracionista da socialdemocracia com as políticas ultraliberais, o papel asignado a estes novos partidos para dificultar o desenvolvimento da alternativa comunista, o enorme erro de alimentar o ilusionismo eleitoral como tarefa prioritária da esquerda transformadora.

Porque enquanto aqui e agora, lamentavelmente, o debate se centra nas fórmulas de como articular umha candidatura eleitoral galega cujo objetivo *per se* semelha ter presença nas Cortes espanholas, a classe obreira galega está desativada, invisibilizada polas inofensivas alternativas cidadanistas hegemонizadas pola pequena burguesia, carece de iniciativa política, de referencialidade, e portanto o povo está desarmado para fazer frente à mais feroz ofensiva contra nós.

Sem dotar-se de umha ferramenta política de classe seguirá sendo simples massa eleitoral do oportunismo, atualmente em plena disputa pola hegemonia entre as forças tradicionais e o emergente *cidadanismo* vaziado de povo, articulado à volta de figuras do mundo da cultura e do espectáculo, que pretendem substituir a legitimidade das organizações políticas e sociais e da sua trajetória e legado de lutas polos seus sucessos editoriais e televisivos.

Até que o proletariado galego consiga consolidar a construção de um influente partido comunista combatente, patriótico e revolucionário nom terá possibilidades de escolher entre as limitadas alternativas eleitorais hegemонizadas polo populismo socialdemocrata espanhol e umha esquerda nacionalista incapaz de desprender-se do curtoprazismo eleitoral e sem a suficiente coragem para adotar as decisons estratégicas que mais cedo que tarde

irremediavelmente deverá assumir.

Mas frente o pesadelo neoliberal e a demolição da Galiza a verdadeira alternativa para lograr umha Pátria nova com justiça social e liberdade nom provirá de aí. A esquerda independentista tem que perserverar na construção a sua própria alternativa política e contribuir ao deslocamento da esquerda nacionalista face posições soberanistas e de ruptura democrática. Para lográ-lo é necessário manter firme o leme com audácia e generosidade, tecendo pontes de colaboração.

Galiza, 28 de agosto de 2015

<https://galiza.lahaine.org/rutura-e-soberania-dependeram-da>